

QUATRO DÉCADAS DE OTELO, O GRANDE

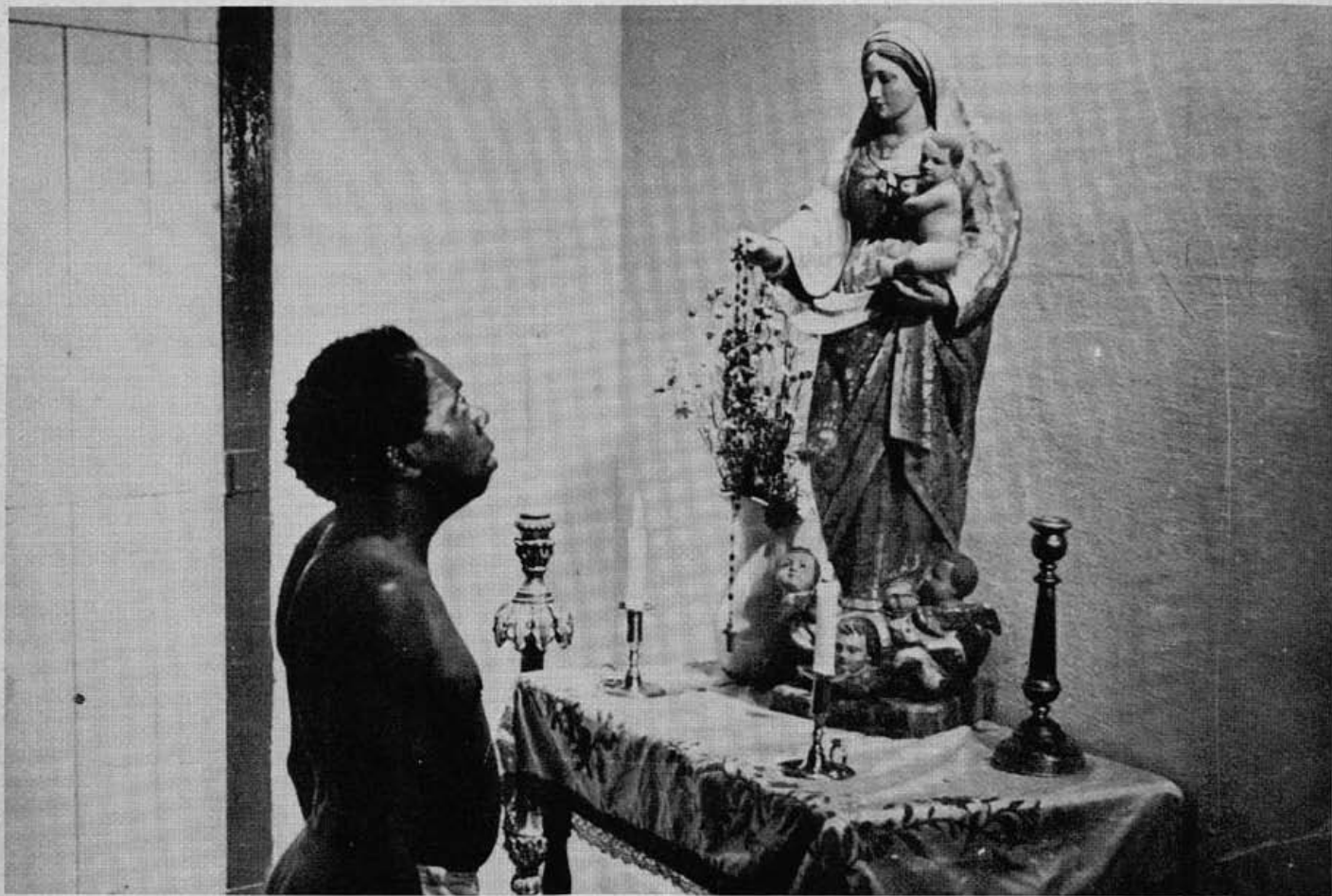
MARIA LÚCIA RANGEL



Em Macunaima, de Joaquim Pedro de Andrade

Aos 58 anos de idade, Grande Otelo continua com a mesma vitalidade de 40 anos atrás, quando começou a trabalhar como ator na Companhia de Revista de Campinas para logo transferir-se para a Companhia Negra de Revista, dirigida por Jaime Silva e que tinha Pixinguinha como maestro.

A carapinha está embranquecida, os olhos um pouco cansados, os filhos já crescidos, mas o trabalho continua ocupando o primeiro lugar em sua vida. Provando o grande amor que sempre dedicou à vida artística, Grande Otelo enumera os trabalhos atuais :ensaio do "show" 'Cassino da Urca'; preparação do lançamento de dois filmes, **Negrinho do Pastoreio** e **O Rei do Baralho**; gravação de sua música "Último Rancho" para o Carnaval; e uma co-produção Brasil-México, ainda sem título, que começará a ser filmada brevemente.



Negrinho do Pastoreio

"Eu trabalho como ator há quase 50 anos, e só agora tive oportunidade de fazer papéis de acordo com a minha maneira de ser. **Negrinho do Pastoreio** era um papel que sonhava fazer há muitos anos desde que li a lenda num livro infantil de Paulo Werneck."

Os ensaios do "show" dirigido por Carlos Machado, "Cassino da Urca", tomam quase todo o tempo de Otelo atualmente ("Você vai sentir o cassino como era, até no barulho das fichas"), mas **Negrinho do Pastoreio** é o trabalho que mais o satisfaz ultimamente: "Venho batalhando por este papel, há mais de 30 anos. Um filme de fundo didático que, na minha opinião, é um caminho que deve ser seguido pelo cinema brasileiro."

Dirigido por Antônio Augusto Fagundes, **Negrinho do Pastoreio** foi filmado em Pelotas e aborda os costumes do sul do país. Otelo acredita que o filme possa ocupar um lugar de destaque no cinema nacional, porque "foi feito com muito cuidado, muita garra e seriedade. Os senões que possa apresentar devem ser, talvez, de caráter técnico". Ele define **O Rei do Baralho** como "um filme bem no estilo de Julio Bressane", intelectualizado, com elementos subjetivos, porém mais na linha comercial que o diretor está começando a cultivar.

Otelo vê a indústria cinematográfica brasileira fortalecer-se continuamente, mas sente falta de maiores investimentos privados. "O

particular investe em todos os ramos. Mas no artístico, ao que se saiba, só Adolpho Bloch investiu, tanto no teatro que construiu, como no espetáculo que apresentou. Se tivéssemos uns cinco sujeitos iguais a ele no cinema, acho que o negócio caminharia dentro dos trilhos."

Confessa sentir falta, também, dos antigos homens de cinema, agora esquecidos: "Talvez com eles, o cinema brasileiro tivesse menos problemas com a Censura, porque são homens que sempre fizeram do cinema um elemento de entretenimento e (porque não dizer?) educacional". Procura deixar bem claro que não acha que os atuais diretores devam mudar a linha de seu cinema, mas que devem viver "a realidade brasileira". E a realidade brasileira "é senso de nacionalidade e não cópia dos cinemas estrangeiros. Vimos agora, **Tati, a Garota e Toda Nudez Será Castigada** baterem recordes de bilheteria. Porque o brasileiro é um povo informado, uma raça em formação e é preciso que todos nós nos armemos de boa vontade para arcar com todos estes ônus: raça-informação, inteligência-informação, sociedade-informação. Até sermos aceitos, sem discussão, como a raça latino-americana."

Com muita tristeza, Otelo lamenta a falta de uma infra-estrutura "que cuide daqueles que vão caindo pelo caminho" e cita o caso de seu amigo Alinor Azevedo, argumentista de seu primeiro filme, **Moleque Tião**: "Ele foi pratica-



Grande Otelo e Vera Regina

mente o inventor da chanchada brasileira, hoje tão em moda, com filmes como **É Proibido Sonhar**, **Luz dos Meus Olhos** e **Três Vagabundos**. Está em casa e ninguém sabe que está doente. E ele precisa hoje do que a chanchada poderia lhe dar — ele que foi um dos fundadores da Atlântida. No Brasil, enquanto a gente vai aos estúdios e à Fiorentina, é sempre lembrado. Mas se paramos durante algum tempo, somos esquecidos na hora, porque os gênios aparecem aos borbotões: gênios da representação, gênios da literatura etc. Mas os gênios das finanças, que deveriam prevenir estas coisas, não aparecem. Não falo por mim, que ainda estou trabalhando. Se bem que sempre fui mal aquinhoado, porque sou pioneiro, e o destino dos pioneiros é morrer na miséria. Mas falo principalmente por este velho e valente Alinor Azevedo".(*)

Ele prefere falar mais do cinema, mas é no teatro que encontra maiores satisfações. Porque estas são imediatas, como a que encontrou no papel interpretado recentemente na peça "O Homem de la Mancha"; "Logo na primeira semana meu papel se estabilizou e depois foi só criar em cima. Fiz o que considero uma das melhores coisas da minha vida. Mas o cinema deve ser praticado sempre que pudermos".

Fala também de sua volta à composição, da qual está afastado há alguns anos: "Porque a indústria fonográfica também se organizou e eu fiquei de fora. Hoje, por exemplo, faço parte dos quadros da TV-Globo, não porque o salário seja muito grande, mas porque é necessário estar inserido dentro de algum contexto." Apesar de se considerar "fora do contexto musical", Grande Otelo se animou para o próximo Carnaval e val gravar "Último Rancho", com letra sua e música de Maria Dolabella Mannana.

Explica porque foram comemorados no corrente ano seus 40 anos de trabalho como ator se começou como profissional em 1935.

"Antes de me profissionalizar, eu já tinha trabalhado na Companhia de Revista de Campinas, na Companhia Negra e no Teatro Rínque, em São Paulo. Atualmente, só quem pode confirmar estas minhas declarações é Dona Alzira, mãe de Isa Rodrigues, uma atriz já afastada dos palcos". Em 1935, ele estreou na Companhia de Jardel Jércolis ("O pai do Jardel Filho"), na época o melhor grupo teatral brasileiro e que tinha como estrela Lódia Sílvia.

Ele só não conta, que ainda garoto e pobre, morando em Uberlândia, onde nasceu, e apelidado Bastiãozinho da Tia Silvana (sua bisavó), trabalhou como ajudante de palhaço de circo, foi ator-mirim de uma companhia de comédias que o levou de Minas para São Paulo, estudou canto e declamação, freqüentou o Juizado de Menores, trabalhou em dúzias de palcos e picadeiros. Ainda como Sebastião Prata, filho de Chico e Maria Abadia, que não tinham sobrenome e adotaram o Prata da família para a qual trabalhavam, até que transformou-se em Grande Otelo, o ator que recebe os maiores elogios da crítica com a mesma simplicidade com que recebia balas nas ruas de Uberlândia.



Com Anselmo Duarte em Depois Eu Conto



Em Crônica da Cidade Amada, episódio "Um Pobre Morreu"

(*) Já estavam encerrados os trabalhos de edição deste número de FILME CULTURA quando faleceu Alinor Azevedo. Vide "Registros" na seção "Movimento".